Revista Diversidade e Educação

NORMATIVIDADE DE GÊNERO E COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS: REVISÃO INTEGRATIVA

NORMATIVIDAD DE GÉNERO Y CONDUCTAS AUTOLESIVAS: REVISIÓN INTEGRADORA

GENDER NORMATIVITY AND SELF-INJURIOUS BEHAVIORS: INTEGRATIVE REVIEW

Michelle Luiza de Rosso[1]

Elis Maria Teixeira Palma Priotto[2]

RESUMO

O gênero, enquanto identidade construída, atua como um dispositivo de controle que gera vulnerabilidades e violências específicas, incluindo maior suscetibilidade às autolesões. Esse artigo apresenta uma revisão integrativa da literatura, com o objetivo de identificar a relação entre identidades de gênero e comportamentos autolesivos. A pesquisa foi realizada no Portal da CAPES, abrangendo 2013 a 2023, em português, inglês e espanhol, resultando em 28 artigos. Os achados indicam uma lacuna na literatura crítica à normatividade de gênero como fator de sofrimento psíquico, especialmente na América Latina. Evidenciou-se maior vulnerabilidade às autolesões em pessoas cuja identidade de gênero diverge da imposta socialmente, além de maior incidência entre mulheres cisgêneras em comparação a homens cisgêneros. Os resultados reforçam a necessidade de pesquisas que considerem estereótipos de gênero como vetores de sofrimento e de políticas públicas voltadas à saúde mental desses grupos.

PALAVRAS-CHAVE: Automutilação. Cisnormatividade. Violência de gênero. Saúde mental.

RESUMEN

El género, como identidad construida, actúa como un dispositivo de control que genera vulnerabilidades y violencias específicas, incluida una mayor susceptibilidad a las autolesiones. Este artículo presenta una revisión integrativa de la literatura, con el objetivo de identificar la relación entre identidades de género y comportamientos

[1] Mestre em Ensino. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

[2] Doutorado em Ciências. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

autolesivos. La investigación se realizó en el Portal de la CAPES, abarcando el período de 2013 a 2023, en portugués, inglés y español, resultando en 28 artículos. Los hallazgos indican una brecha en la literatura crítica sobre la normatividad de género como factor de sufrimiento psíquico, especialmente en América Latina. Se evidenció una mayor vulnerabilidad a las autolesiones en personas cuya identidad de género diverge de la impuesta socialmente, además de una mayor incidencia entre mujeres cisgénero en comparación con hombres cisgénero. Los resultados refuerzan la necesidad de investigaciones que consideren los estereotipos de género como vectores de sufrimiento y de políticas públicas orientadas a la salud mental de estos grupos.
PALABRAS-CLAVE: Automutilación. Cisnormatividad. Violencia de género. Salud mental.

ABSTRACT
Gender, as a constructed identity, acts as a control device that generates specific vulnerabilities and forms of violence, including greater susceptibility to self-injury. This article presents an integrative literature review aimed at identifying the relationship between gender identities and self-injurious behaviors. The research was conducted through the CAPES Portal, covering the period from 2013 to 2023, in Portuguese, English, and Spanish, resulting in 28 articles. The findings indicate a gap in the literature critical of gender normativity as a factor of psychological distress, especially in Latin America. Greater vulnerability to self-injury was observed among individuals whose gender identity diverges from that socially imposed, as well as a higher incidence among cisgender women compared to cisgender men. The results reinforce the need for research that considers gender stereotypes as vectors of suffering and for public policies aimed at the mental health of these groups.
KEYWORDS: Self-harm. Cisnormativity. Gender violence. Mental health.

* * *

Minha vida fora do regime da diferença sexual é mais bela do que qualquer coisa que vocês poderiam ter me prometido como recompensa por consentimento à norma.

Paul B. Preciado

Introdução

As autolesões são caracterizadas como formas de violências autoinfligidas, envolvendo a ação deliberada de causar danos ao próprio corpo. Comportamentos de autolesões podem ocorrer com, ou sem, a intenção de suicídio e acarretam diversos prejuízos psicológicos e físicos às pessoas envolvidas com essas condutas (Moreira *et al.*, 2020). Esse fenômeno complexo é marcado por uma diversidade de terminologias, definições, incidências e possíveis origens, e tem recebido crescente atenção ao longo dos últimos anos, tornando-se uma preocupação cada vez mais premente em termos de saúde

pública (Bahia *et al*., 2018).

Embora possam surgir em diversas fases do ciclo vital, comportamentos de autolesões apresentam índices de prevalência especialmente elevados durante a adolescência e são frequentemente associados a fatores sociais, como conflitos familiares, relacionamentos instáveis e eventos adversos ao longo da vida (Moraes *et al*., 2020). Além disso, evidências apontam para a influência significativa de gênero e sexualidade na expressão desses comportamentos, evidenciando uma maior prevalência entre mulheres cisgênero e pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, não binárias e outras identidades de gênero e sexualidades (LGBTQIAPN+), principalmente pessoas transgêneras (Batejan; Jarvi; Swenson, 2015). Williams *et al*. (2023) demonstram que a incidência de autolesões nessas pessoas é de aproximadamente 30% a 50% maior em relação com seus pares cisheterossexuais.

Estudos relativos aos marcadores de saúde mental têm revelado que pessoas com identidades sexuais e de gênero historicamente marginalizadas enfrentam um risco exacerbado de distúrbios psicológicos em comparação com pessoas cisheterossexuais, uma descoberta alarmante nessas investigações é a ampliação do risco das autolesões e comportamentos suicidas entre esses grupos (Jadva *et al*., 2023). Ainda que sejam fenômenos distintos, evidências substanciais sugerem que as autolesões emergem como um forte preditor de comportamentos suicidas e histórico prévio de tais tentativas (Ribeiro *et al*., 2016).

Embora a literatura ofereça uma compreensão sobre a prevalência de problemas de saúde mental entre pessoas não cisheterossexuais, persiste uma lacuna explicativa quanto aos fatores sociais e normativos que contribuem para esse risco adicional, especialmente no que se refere aos comportamentos de autolesões. As pesquisas sobre o tema frequentemente tendem a concentrar-se na experiência de pessoas cisgêneras, desconsiderando vivências de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade e a cisheteronormatividade como produtora de violências (Liu *et al.*, 2019).

Nesse contexto, torna-se central delimitar o conceito de normatividade de gênero, entendido neste estudo como um conjunto de normas sociais, discursivas e institucionais que regulam e produzem expectativas sobre corpos, identidades e expressões de gênero, definindo quais experiências são socialmente reconhecidas como legítimas ou inteligíveis (Butler, 2017). A cisnormatividade refere-se à presunção de que todas as pessoas se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascimento, enquanto a heteronormatividade diz respeito à naturalização da heterossexualidade como padrão

desejável e esperado. Embora inter-relacionados, esses conceitos não são sinônimos e operam de forma articulada, sustentando hierarquias de gênero e processos de exclusão que afetam de maneira diferenciada sujeitos cis, trans e não binários (Zanello, 2020).

A cisheteronormatividade, como uma das matrizes normativas das estruturas sociais, políticas e patriarcais, estabelece ideais regulatórios que resultam em efeitos de vida e identidade extremamente rígidos. Esse (cis)tema compulsório de atribuição identitária, presente desde o registro de nascimento de cada pessoa, naturaliza a designação de uma pessoa a um dos polos do sistema de sexo/gênero com base em uma interpretação restrita, centrada em uma leitura anatômica genital. Enquanto "transgênero" se refere às pessoas que adotaram uma expressão de gênero (binária ou não binária) diferente ou complementar àquela atribuída ao nascer, "cisgênero" denota pessoas que permaneceram no gênero imposto (Cidade, 2016).

Sob essa ótica, o gênero é compreendido como uma identidade socialmente construída ao longo do tempo por meio da repetição incorporada de gestos, movimentos e expectativas, que não representam simplesmente uma forma de regulação que molda a subjetividade, mas, também, um padrão que estabelece uma hierarquia entre "masculino" e "feminino", impondo a heterossexualidade compulsória (Butler, 2017).

Nesse contexto, pessoas que desafiam a estrutura de poder centrada na masculinidade hegemônica, que busca manter a congruência entre um sistema de sexo-gênero-desejo, através da imposição de normativas, frequentemente enfrentam diversos mecanismos sociais destinados a corrigir comportamentos considerados desviantes, o que, por sua vez, produz diversas vulnerabilidades psicológicas e físicas (Baere; Zanello, 2020).

Os papéis sociais atribuídos aos diferentes gêneros estão intrinsecamente ligados às dinâmicas de violências nesse contexto, onde pode-se observar a contínua reprodução de um mecanismo de dominação na construção das identidades, no qual mulheres cis e pessoas trans são definidas em relação a uma identidade social opressiva e hegemônica, que é homem, branco e cisgênero (Zanello, 2020).

Efetivamente, as discrepâncias nos desfechos de saúde entre as pessoas, com base em suas identidades de gênero, têm recebido uma crescente atenção nos últimos anos; os pensamentos e comportamentos de autolesões, não escapam a essa observação (Batejan; Jarvi; Swenson, 2015). No entanto, aspectos fundamentais das autolesões em populações dissidentes de gênero, especialmente a partir de uma perspectiva crítica da normatividade de gênero, permanecem pouco explorados, sobretudo no contexto latino-americano.

Diante desse cenário, onde a identidade de gênero como um determinante social contribui para a construção e perpetuação de violências, influenciando diretamente a saúde mental e a ocorrência de comportamentos autolesivos, surge a seguinte questão: Como a literatura científica descreve a relação entre identidades de gênero e a manifestação de comportamentos de autolesões?

Com base na perspectiva anteriormente apresentada sobre normatividade de gênero, compreende-se que a cisnormatividade e a heteronormatividade operam de forma articulada, sustentando hierarquias e processos de exclusão que impactam de maneira diferenciada pessoas cis, trans e não binárias. Assim, a presente revisão integrativa objetiva identificar na literatura científica a relação entre identidades de gênero e a manifestação de comportamentos autolesivos.

Procedimentos Metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de revisão integrativa da literatura, que visa sistematizar e sintetizar estudos relacionados a uma problemática específica e previamente definida, tendo como principal finalidade identificar as limitações nos estudos existentes, alcançadas por meio da busca de artigos em bases de dados. Essa abordagem visa orientar o desenvolvimento de pesquisas futuras com o intuito de abordar as lacunas identificadas, possibilitando uma revisão completa da produção acadêmica disponível, facilitando a síntese do conhecimento e assegurando rigor metodológico (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

O procedimento empregado para essa revisão segue as seis etapas delineadas por Mendes, Silveira e Galvão (2012): 1) Identificação do tema e da questão de pesquisa; 2) Estabelecimento dos critérios de elegibilidade da amostra (inclusão e exclusão); 3) Definição das informações a serem coletadas (caracterização dos estudos); 4) Avaliação dos estudos; 5) Elaboração e interpretação dos resultados e 6) Apresentação da revisão e síntese do conhecimento.

A pergunta norteadora dessa revisão integrativa foi formulada considerando o fenômeno e o contexto de interesse, resultando na seguinte indagação: Como a literatura científica descreve a relação entre identidades de gênero e a manifestação de comportamentos de autolesões? Os critérios de elegibilidade foram definidos como, periódicos originais, completos, de acesso aberto, revisados por pares e publicados em português, inglês ou espanhol, no período de 2013 a 2023, que apresentassem uma análise

das questões relacionadas às identidades de gênero no surgimento de comportamentos de autolesões. Foram excluídos estudos de caso, teses, dissertações, manuais, capítulos de livros e estudos de revisão da literatura.

As buscas foram realizadas entre dezembro de 2023 e janeiro de 2024 por meio da base de dados do Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que agrega diferentes bases de dados internacionais. As bases efetivamente acessadas foram *PubMed/MEDLINE*, *Scopus*, *Web of Science* e *PsycINFO*, selecionadas por sua relevância nas áreas da saúde, psicologia e ciências sociais.

A estratégia de busca bibliográfica foi estruturada a partir de descritores controlados do DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) e dos termos *MeSH* (*Medical Subject Headings*), utilizando a combinação dos termos "*gender*" *AND* "*self harm*". Optou-se por esses descritores centrais em função de sua ampla indexação nas bases internacionais e de sua capacidade de abarcar, de forma agregada, produções que abordam identidades de gênero e comportamentos de autolesões. Reconhece-se, entretanto, que a adoção de uma chave de busca mais restrita pode ter limitado a recuperação de estudos que utilizam terminologias específicas, como *non-suicidal self-injury*, bem como variações conceituais relacionadas às identidades trans e não binárias, o que constitui uma limitação metodológica do presente estudo.

A seleção dos estudos foi conduzida em fases distintas, com o auxílio de uma planilha do *Microsoft Excel* para o gerenciamento dos resultados da busca. Inicialmente, as referências foram triadas a partir da leitura dos títulos; em seguida, procedeu-se à avaliação dos resumos; e, por fim, à leitura integral dos artigos, etapa que configurou a seleção final. Todo o processo foi realizado por dois avaliadores independentes, com domínio da temática e do método, cuja participação voluntária foi previamente solicitada.

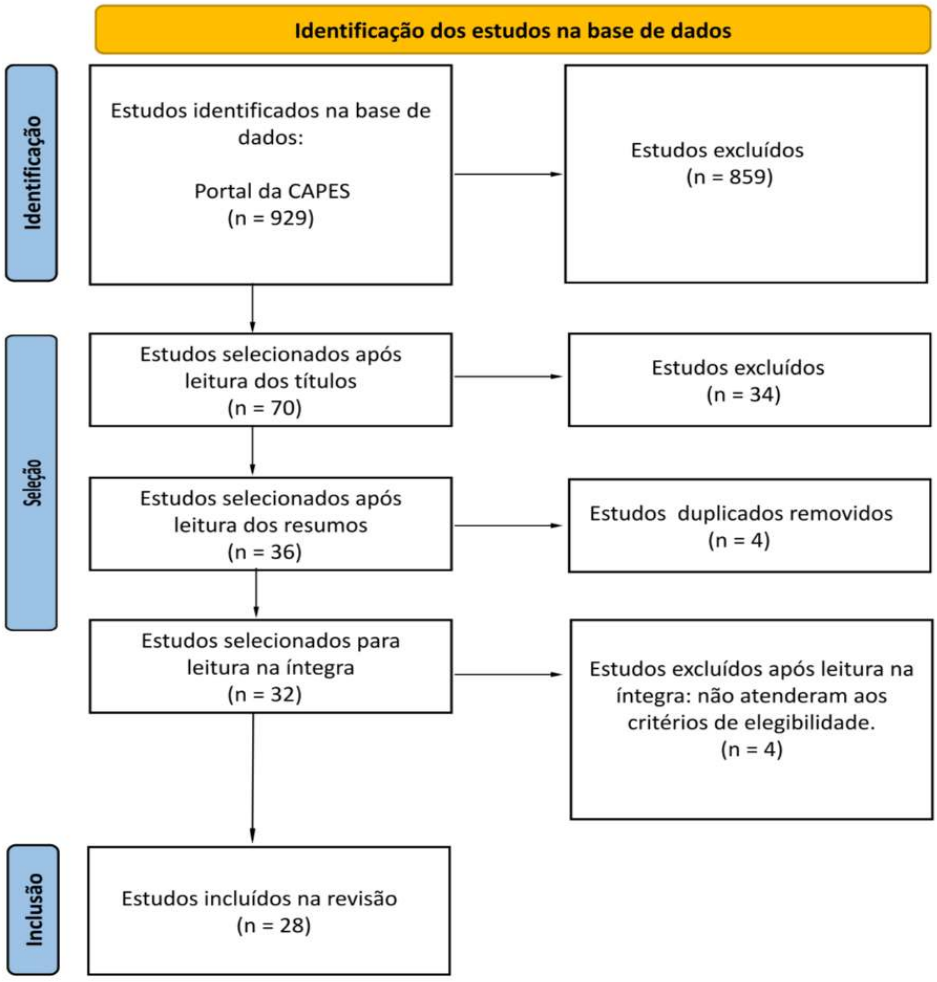
Após a definição da amostra final, os textos completos foram submetidos a uma leitura analítica orientada pelas definições e conceitos apresentados na introdução, especialmente no que se refere aos comportamentos de autolesões e às questões de gênero, considerando as normas e construções sociais que os atravessam, conforme a perspectiva de Butler (2017). A análise dos estudos ocorreu por meio de uma abordagem descritiva e comparativa, com foco na identificação de padrões, recorrências e divergências entre os achados. Os resultados foram organizados em eixos temáticos construídos *a posteriori*, a saber: (1) caracterização dos estudos incluídos; (2) fatores associados às vulnerabilidades e aos riscos de comportamentos de autolesão,

considerando marcadores de gênero e contextos de violência; e (3) comportamentos associados e riscos adicionais identificados na literatura. Esses eixos orientaram a síntese dos resultados e a discussão, assegurando uma sistematização dos achados compatível com os pressupostos de uma revisão integrativa.

Foram identificados um total de 929 artigos, dos quais 909 estavam em inglês, 14 em espanhol e 6 em português. Após a triagem inicial, verificou-se que 859 estudos não atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos, resultando em um corpus inicial de 70 artigos analisados pelos títulos. Desses, 4 artigos selecionados estavam duplicados. Posteriormente, durante a avaliação dos resumos, 34 artigos não se adequaram aos critérios de elegibilidade estabelecidos. Após a leitura dos textos na íntegra, elaboração e interpretação dos resultados, foram excluídos outros 4 estudos que não atenderam à pergunta da pesquisa. Como resultado, a amostra final totalizou 28 artigos. Todos os artigos selecionados foram publicados em língua inglesa. Conforme descrito na **Figura 1**.

Revista Diversidade e Educação

FIGURA 1: Fluxograma do processo de seleção dos estudos



Fonte: Elaboração das autoras adaptado via *PRISMA FLOW* (2024).

Visando o objetivo de fornecer uma contextualização mais completa, foi desenvolvido um quadro contemplando informações essenciais dos estudos selecionados, como: título, autoria, ano de publicação, país do estudo, tipo de estudo e os principais resultados de cada pesquisa, os quais são apresentados de forma detalhada na seção de resultados e discussão.

Caracterização dos estudos

Em relação ao tipo de estudo, dos 28 artigos incluídos nessa revisão integrativa, 17 são quantitativos, 3 qualitativos e 8 estudos com método misto. O espectro temporal das publicações encontradas abrange o período de 2014 a 2023, com a maioria delas

concentrada nos últimos cinco anos (2019-2023). Em relação à abordagem da identidade de gênero nos artigos, observou-se que, dos 6 publicados nos anos de 2014, 2017 e 2018, apenas 2 tratam das identidades transgênero e não conformidades de gênero, sendo 1 deles em 2017 e 1 em 2018. No ano de 2014, somente 1 artigo foi publicado abordando a relação entre gênero e autolesões, por uma perspectiva ciscentrada, destacando a maior suscetibilidade de mulheres cis no desenvolvimento de comportamentos de autolesões. Até 2017, não foram encontradas publicações sobre o tema, no respectivo ano, 2 artigos foram publicados abordando identidades de gênero e autolesões, 1 deles adota uma perspectiva binária. No período de 2018 a 2022, foram publicados 16 artigos sobre o tema, com variação de 3 a 4 publicações anuais. Destes, 6 adotam uma perspectiva de gênero binária, enquanto 10 consideram pessoas dissidentes de gênero. O ano de 2023 registrou o maior número de publicações sobre a temática, com 9 artigos, destes, 6 abordam a relação entre autolesões e gêneros dissidentes. No total, 17 artigos abordam identidades de gênero diversas, enquanto 11 estudos adotam uma perspectiva de gênero binária e excludente.

Os dados revelam um crescimento significativo no interesse pela temática ao longo do período analisado, o que destaca a importância crescente atribuída aos fenômenos de autolesões e uma tendência emergente na consideração da pluralidade das identidades de gênero. Os artigos analisados foram codificados e numerados em cada grupo e descritos no Quadro 1, em ordem crescente de ano de publicação, visando facilitar a discussão.

QUADRO 1: Publicações analisadas segundo grupos populacionais, ano de publicação, autores e principais resultados

Nº	Título do Artigo	Tipo de estudo/País/ Autores/Ano	Principais Resultados
1	Injured Body's Encounter with Cultural Discourses	Qualitativo Noruega (Fjellda-Soelber, 2014)	O estudo foi realizado com 12 mulheres jovens, explorando o impacto das expectativas culturais sobre a aparência e o comportamento delas no desenvolvimento de comportamentos de autolesão, ressaltando a pressão para se enquadrar a um ideal de feminilidade, a síndrome da "boa menina" e a automutilação como uma maneira de escapar ou desafiar tais expectativas.
2	A gender-specific analysis of suicide methods in deliberate self-harm	Quantitativo Índia (Kumar *et al.*, 2017)	O estudo constatou que, na Índia, as diferenças de gênero entre as pessoas que tentam autolesão são menos pronunciadas em comparação com outros países. A maioria das tentativas de suicídio ocorreu em indivíduos de 11 a 40 anos, com maior prevalência entre mulheres. Não houve diferenças significativas entre os gêneros em outras características sociodemográficas.
3	Mental Health Disparities Among Canadian Transgender Youth	Quantitativo Canadá (Veale *et al.*, 2017)	O estudo analisou 923 jovens transgênero e revelou que esse grupo enfrenta maior risco de sofrimento psicológico, autolesão, episódios depressivos graves e pensamentos suicidas. Cerca de 65% das pessoas trans entre 14 e 18 anos consideraram seriamente o suicídio no ano anterior, enquanto apenas um quarto relatou boa ou excelente saúde mental. Meninos/homens trans e jovens não binários eram mais propensos à automutilação.
4	Attention-deficit hyperactivity disorder and nonsuicidal self-injury in a clinical sample of adolescents: the role of comorbidities and gender	Quantitativo Hungria (Balázs *et al.*, 2018)	A amostra do estudo incluiu 202 adolescentes psiquiátricos internados, 103 (51%) meninas e 99 (49%) meninos. Entre os adolescentes diagnosticados com TDAH, uma parcela significativa estava envolvida em autolesão, sendo essa prevalência mais alta entre as meninas do que entre os meninos.
5	The Association Between Masculinity and Nonsuicidal Self-Injury	Quantitativo Estados Unidos (Green *et al.*, 2018)	Estudo com 912 adultos. Não foram observadas diferenças de gênero na prevalência de autolesão crônica nesta amostra, que era predominantemente composta por participantes brancos e heterossexuais. Cerca de 25,1% dos participantes estavam envolvidos em autolesão crônica, com taxas semelhantes entre homens (24,9%) e mulheres (25,4%). A adesão às normas de gênero masculino foi identificada como um preditor significativo de autolesão, sugerindo que a masculinidade pode influenciar os métodos específicos utilizados por alguns homens.
6	Risk and Protective Factors for Self-Harm in a Population-Based Sample of Transgender Youth	Quantitativo Estados Unidos (Taliaferro, Mcmorris & Eisenberg, 2018)	A amostra final incluiu 1.635 alunos trans e não conformes de gênero. Mais da metade (51,6%) desses adolescentes relataram ter se autolesionado no ano anterior. Os fatores que distinguiram consistentemente os jovens trans e não conformes de gênero que relataram autolesão, daqueles que não relataram, incluíram problemas de saúde mental, depressão, fugas de casa e uso de substâncias, como álcool ou cannabis.

7	Prognoses after self-harm in youth: exploring the gender factor .	Quantitativo Suécia (Beckma *et al.*, 2019)	Houve interações significativas entre gênero e estado civil, paternidade, apoio ao desemprego e mortalidade, indicando que a autolesão afeta homens mais do que mulheres, em questões como desemprego e situação familiar. No entanto, não houve diferença de gênero no impacto da autolesão e no risco de suicídio, ressaltando a importância de considerar o risco de suicídio em mulheres jovens que se autolesionam.
8	Family, School, and Peer Support Are Associated with Rates of Violence Victimization and Self-Harm Among Gender Minority and Cisgender Youth	Quantitativo México (Ross-Reed *et al.*, 2019)	Os estudantes identificados como gênero diverso experimentaram taxas mais altas de violência e autolesão, além de níveis mais baixos de apoio em comparação com jovens cisgêneros. Entre os estudantes, o apoio familiar foi associado a menores chances de violência sexual e autolesão, enquanto o apoio escolar foi associado a menores chances de violência no namoro e autolesão. Observaram-se interações significativas entre gênero, violência e apoio.
9	Connections that moderate risk of non-suicidal self-injury among transgender and gender non-conforming youth	Quantitativo Estados Unidos (Taliaferro *et al.*, 2019)	O estudo analisou a relação entre conexões sociais e autolesão em jovens trans/não conformes de gênero. Descobriu-se que aproximadamente 55% dos estudantes não conformes de gênero estavam envolvidos em autolesão, com 40% relatando autolesão repetitiva. Conexões pró-sociais com pais e adultos não parentais, bem como segurança escolar, surgiram como fatores de proteção significativos.
10	Gender differences in self-harm and drinking behaviors among high school students in Beijing, China	Quantitativo China (Li *et al.*, 2020)	A prevalência de autolesão foi de 13,7%, sem diferença significativa de gênero. Houve uma diminuição na autolesão entre meninas com o aumento da idade. A autolesão foi associada ao consumo de álcool em meninos e meninas. Entre estudantes do ensino médio, o consumo de álcool esteve significativamente associado à autolesão, especialmente em meninas.
11	Comparison of suicide risk and other outcomes among boys and girls who self-harm	Quantitativo Suécia (Ohlis *et al.*, 2020)	O estudo investigou os resultados adversos em homens e mulheres que buscaram cuidados de saúde mental após autolesão na adolescência. Descobriu-se que ambos os sexos expostos à autolesão antes dos 18 anos tinham perfis de risco semelhantes para problemas como uso indevido de álcool e drogas, atendimento psiquiátrico subsequente, criminalidade e suicídio. A associação entre autolesão e suicídio foi observada em ambos os sexos. Embora as mulheres relatem mais autolesão, os homens também enfrentam riscos e tendem a procurar menos serviços de saúde e apoio.
12	Prevalence of self-harm among lesbian, gay, bisexual, and transgender adolescents: a comparison of personal and social adversity with a heterosexual sample in Ghana	Método misto Ghana (Quarshiee Waterman & House, 2020)	O estudo envolveu 444 adolescentes, 74 eram LGBT e 370 heterossexuais. A prevalência de autolesão foi maior entre os adolescentes LGBT (47%) em comparação com os heterossexuais (23%). No último ano, os adolescentes LGBT também relataram taxas mais altas de autolesão (45% vs. 18%). Além disso, os adolescentes LGBT enfrentaram mais adversidades sociais e relataram maior uso de álcool e outras substâncias, embora não apresentassem mais dificuldades em fazer amizades ou problemas escolares em comparação com os cisheterossexuais.
13	Predicting self-harm in an ethnically diverse sample of lesbian, gay and bisexual people in the United Kingdom	Qualitativo Reino Unido (Rehman, Lopes & Jaspal, 2020)	O estudo analisou uma amostra de 289 indivíduos e encontrou associações entre autolesão e características como gênero, orientação sexual e situação socioeconômica. Descobriu-se que mulheres lésbicas, pessoas com menor renda e mais jovens, tinham maior probabilidade de se autolesionar. Além disso, aqueles que se autolesionavam mostraram níveis mais altos de discriminação, vitimização, homofobia internalizada e sintomas depressivos.
14	Suicidality, self-harm, and their correlates among transgender and cisgender people living in Aotearoa/New Zealand or Australia	Quantitativo Nova Zelândia e Austrália (Treharne *et al.*, 2020)	O estudo com 700 adultos constatou que ideação suicida, tentativas de suicídio e autolesão ao longo da vida foram mais prevalentes entre participantes trans. A discriminação esteve associada a tentativas de suicídio e autolesão ao longo da vida. Os participantes cis mais jovens eram mais propensos a relatar autolesão ao longo da vida. A ideação suicida recente foi associada a menor apoio social entre os participantes transgêneros e menor resiliência entre os participantes cisgênero.
15	Psychopathological symptom network structure in transgender	Método misto China (Wan *et al.*,	Mulheres trans exibiram as taxas mais elevadas de depressão e ansiedade em comparação com homens trans e queer. Além disso, elas relataram maior risco de suicídio, autolesão, abuso psicológico

	and genderqueer youth reporting parental psychological abuse: a network analysis	2021)	parental, transtorno depressivo maior e ansiedade grave. Participantes que relataram abuso psicológico parental demonstraram maior incidência de depressão, ansiedade, risco de suicídio e autolesão, juntamente com baixa autoestima, especialmente entre homens e mulheres transgênero.
16	The impact of the first three months of the COVID-19 pandemic on the Australian trans community	Método misto Austrália (Zwickl *et al*, 2021)	O estudo, envolvendo 1019 participantes trans, revelou que 49% relataram pensamentos de autolesão ou suicídio. Esses pensamentos foram mais comuns entre aqueles que enfrentaram cancelamento ou adiamento de cirurgia de afirmação de gênero, experimentaram dificuldades financeiras ou se sentiram inseguras/as/es ou com medo em suas residências. As taxas de depressão clinicamente significativa e pensamentos de autolesão ou suicídio são consideravelmente maiores em pessoas trans do que na população em geral.
17	Hospitalization for Suicide Attempt and Self-Harm Among Youth Diagnosed with Gender Dysphoria	Método misto Estados Unidos (Apple *et al*., 2022)	Jovens hospitalizados com diagnóstico relacionado à disforia de gênero têm uma prevalência significativamente maior de tentativa de suicídio e autolesão. Enquanto a prevalência de ideação suicida e tentativa de suicídio em toda a coorte foi de 2%, entre os jovens com disforia de gênero foi de 35,3%. Ao expandir a definição para incluir autolesão e tentativa de suicídio, a prevalência aumentou para 44,1%.
18	Suicidal and nonsuicidal self-harming thoughts and behaviors in clinically referred children and adolescents with gender dysphoria	Método misto Alemanha (Hartig *et al*., 2022)	Crianças e adolescentes diagnosticados com disforia de gênero, especialmente aqueles que estão passando pela puberdade e identificados como do "sexo feminino" ao nascer, estão em alto risco de apresentar comportamento suicida e autolesão. Analisando os autorrelatos dos adolescentes, descobriu-se que 19% relataram frequentes comportamentos de autolesão e 26% relataram esses comportamentos às vezes (totalizando 45%).
19	Prevalence and Correlates of Suicidal Ideation and Deliberate Self-harm in Canadian Adolescents During the Coronavirus Disease 2019 Pandemic	Método misto Canadá (Turner *et al*, 2022)	A pesquisa envolveu 809 adolescentes. Constatou-se que 44% dos participantes relataram ideação suicida desde o início da pandemia e 32% envolvimento com autolesão. Esses comportamentos foram mais prevalentes entre jovens que se identificaram como trans, não binários ou fluidos de gênero, não residiam com ambos os pais e relataram preocupações psiquiátricas ou uso frequente de cannabis.
20	The impact of gender and age on bullying role, self-harm and suicide: Evidence from a cohort study of Australian children	Quantitativo. Austrália (Ahmad *et al*., 2023)	Mulheres apresentaram o maior risco em todas as categorias de comportamentos relacionados à autolesão e ao suicídio. As mulheres relataram uma probabilidade 24 vezes maior de tentativa de autolesão e 18 vezes maior de ideação de autolesão em comparação com os homens.
21	Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer, Intersex, Asexual, and Other Minoritized Gender and Sexual Identities-Adapted Telehealth Intensive Outpatient Program for Youth and Young Adults: Subgroup Analysis of Acuity and Improvement Following Treatment	Método misto. Estados Unidos (Berry *et al*., 2023)	Dos 878 participantes, 62,8% foram identificades como LGBTQIA+. Os resultados indicaram que os pacientes LGBTQIA+ apresentavam sintomas mais graves de depressão, autolesão e ideação suicida. Dentro da amostra LGBTQIA+, não binários mostraram uma maior prevalência de autolesão em comparação com pessoas binários, enquanto pessoa trans apresentavam pontuações de depressão significativamente mais altas.
22	The Mediating Role of Emotion Regulation on Self-harm among GenderIdentity and Sexual Orientation Minority (LGBTQ+) Individuals	Método misto Reino Unido (Kapatais, Williams & Townsend, 2023)	Participantes de minorias de identidade de gênero e orientação sexual relataram maiores desafios na regulação emocional e tinham quase 7 vezes mais probabilidade de se autolesionar do que os não-LGBTQ+. Ser parte da comunidade LGBTQ+ foi correlacionado com uma frequência aumentada de autolesão, mesmo após ajustes para idade, renda e dificuldades na regulação emocional.

23	Predictors of self-harm and suicide in LGBT youth: The role of gender, socio-economic status, bullying and school experience.	Quantitativo Reino Unido (Jadva *et al.*, 2023)	O estudo revelou altas taxas de problemas de saúde mental entre jovens LGBT. Uma grande parte da amostra relatou autolesão (65,3%), ideação suicida (73,8%) e tentativas de suicídio (25,7%). Fatores demográficos de risco incluíam identificação como mulher, não binárie ou trans, e pertencer a famílias de baixa renda. O bullying e o cyberbullying estavam associados a um aumento do risco para cada um dos resultados, enquanto uma experiência escolar positiva estava associada a um risco reduzido.
24	Why Is Non-Suicidal Self-Injury More Common in Women? Mediation and Moderation Analyses of Psychological Distress, Emotion Dysregulation, and Impulsivity	Qualitativo Reino Unido (Lutz *et al.*, 2023)	As mulheres jovens apresentaram uma probabilidade 2 vezes maior de relatar autolesão no ano passado em comparação com os homens (14,47% versus 7,78%). Esse aumento é em parte explicado pelos maiores níveis de sofrimento psicológico entre as mulheres, mas não pela forma como homens e mulheres respondem a essa angústia. As mulheres relataram maior sofrimento psicológico e menor sensação de urgência positiva do que os homens.
25	Gender and Age Influence on Emergency Department Visits for Non-Suicidal Self-Injuries in School Aged Children in Italy: An 11 Years Retrospective Cross-Sectional Study	Quantitativo Itália (Paladini *et al.*, 2023)	O estudo analisou as visitas ao departamento de emergência (DE) por autolesão em pessoas de 5 a 19 anos. A taxa geral de visitas ao DE permaneceu estável até 2019, mas diminuiu pela metade em 2020 e 2021. As visitas por autolesão aumentaram desde 2013, atingindo o pico em 2019, com uma taxa de cerca de 25 e 23 visitas de meninas e 76 e 69 de meninos por 100.000 visitas. Em 2020 e 2021, houve um aumento nas visitas por autolesão, especialmente entre meninas e adolescentes.
26	Examining the Mental Health Presentations of Treatment-Seeking Transgender and Gender Nonconforming (TGNC) Youth	Quantitativo Canadá (Stewart, Van Dyke & Poss, 2023)	Mulheres cis demonstraram uma maior tendência a problemas de saúde mental, como depressão, ansiedade, risco de suicídio e autolesão, em comparação com os homens cis. Jovem trans e não conformes ao gênero (TGNC) mostraram uma probabilidade muito maior de se envolver em comportamentos de alto risco, como suicídio e autolesão, em comparação com homens e mulheres cisgênero. Essas descobertas destacam disparidades significativas de saúde mental na população TGNC.
27	Psychological distress, self-harm and suicide attempts in gender minority compared with cisgender adolescents in the UK	Quantitativo Reino Unido (White, Trinh & Reynolds, 2023)	Dos 10.247 participantes, apenas 113 (1,1%) identificaram-se como minoria de gênero. Esses participantes relataram níveis mais elevados de sofrimento psicológico, dificuldades comportamentais e emocionais, autolesão (incluindo cortes, queimaduras, overdose) e tentativas de suicídio em comparação com os jovens cis. A associação entre a identidade de gênero minoritária e esses problemas foi parcialmente explicada pelas diferenças na exposição à vitimização.
28	Understanding the processes underlying self-harm ideation and behaviors within LGBTQ+ young people: A qualitative study	Quantitativo Reino Unido (Williams *et al.*, 2023)	Aceitação pessoal como parte de minorias de identidade de gênero e orientação sexual influenciaram a manifestação de autolesão. A falta de linguagem adequada para expressar pensamentos e sentimentos, bem como o ódio em relação à própria identidade LGBTQ+, lidar com sentimentos disfóricos de gênero e as dificuldades da transição médica, foram identificados como fatores que afetam negativamente a autoaceitação dos participantes, levando a autolesão e comportamento suicida.

Fonte: Elaboração das autoras (2024).

Autolesões, violências e gêneros

Os estudos revelam disparidades significativas na saúde mental de pessoas transgênero e não conformes com o gênero imposto socialmente, em contraste com pessoas cisgênero. Essas discrepâncias se refletem em taxas mais elevadas de sofrimento psicológico, ideação suicida (pensar ou planejar suicídio), tentativas de suicídio e recorrência de autolesões (Ahmad *et al*., 2023; Apple *et al*., 2022; Berry *et al*., 2023;

Hartig *et al*., 2022; Jadva *et al*., 2023; Kapatais; Williams; Townsend, 2023; Quarshie; Waterman; House, 2020; Ross-Reed *et al*., 2019; Stewart; Van Dyke; Poss, 2023; Taliaferro *et al*., 2018; Taliaferro; Mcmorris; Eisenberg, 2018; Treharne *et al*., 2020; Veale *et al*., 2017; Wang *et al*., 2021; White; Trinh; Reynolds, 2023; Williams *et al*., 2023; Zwickl *et al*., 2021).

A normatividade de gênero, compreendida enquanto dispositivo discursivo e social, não atua apenas no plano simbólico, mas produz efeitos concretos nos processos de subjetivação. A literatura analisada evidencia que a exposição contínua a práticas de discriminação, invalidação identitária, vigilância dos corpos e violências de gênero contribui para o sofrimento psíquico, particularmente entre pessoas trans, não binárias e mulheres cis. Nesse contexto, os comportamentos de autolesões emergem não apenas como expressões individuais de sofrimento, mas como respostas subjetivas a regimes normativos que produzem exclusão, precarização e desamparo social (Ahmad *et al*., 2023; Berry *et al*., 2023; Veale *et al*., 2017; Zwickl *et al*., 2021).

Entre pessoas LGBTQIAPN+ e dissidentes de gênero, há uma associação significativa entre autolesões e uma série de fatores adversos relacionados à saúde mental, como experiências de vitimização, discriminação, dificuldades interpessoais, baixa autoestima, desafios na construção de uma identidade positiva de si, obstáculos na transição médica, histórico de abuso sexual, abuso psicológico parental, sentir insegurança ou medo na própria residência, *cyberbullying, bullying* por parte de colegas e comparação social. Além disso, pessoas em não conformidade com as normas de gênero enfrentam índices mais altos de violências e autolesões, além de receberem menos apoio em relação aos seus pares cisgêneros (Ahmad *et al*., 2023; Apple *et al*., 2022; Berry *et al*., 2023; Hartig *et al*., 2022; Jadva *et al*., 2023; Kapatais; Williams; Townsend, 2023; Quarshie; Waterman; House, 2020; Ross-Reed *et al*., 2019; Stewart; Van Dyke; Poss, 2023; Taliaferro *et al*., 2018; Taliaferro; Mcmorris; Eisenberg, 2018; Treharne *et al*., 2020; Veale *et al*., 2017; Wang *et al*., 2021; White; Trinh; Reynolds, 2023; Williams *et al*., 2023; Zwickl *et al*., 2021).

As taxas de depressão clinicamente significativa e pensamentos de autolesões ou suicídio são consideravelmente mais elevadas em pessoas trans do que na população em geral (Zwickl *et al*., 2021). A ausência de vocabulário adequado para articular pensamentos e emoções, juntamente com a aversão internalizada em relação à própria identidade LGBTQIAPN+, o enfrentamento de "sentimentos disfóricos" de gênero e os desafios associados à transição médica são destacados como preditores de risco às

autolesões (Williams *et al*., 2023). Além disso, jovens vítimas de *bullying* relacionado à sexualidade e identidade de gênero, incluindo experiências *online*, apresentam uma maior propensão a relatar comportamentos de autolesões (Jadva *et al*., 2023).

Os estudos revelam diversas similaridades nas experiências de autolesões entre diferentes grupos de mulheres. Mulheres cisgênero (Balázs *et al*., 2018; Fjellda-Soelberg, 2014; Kumar *et al*., 2017; Lutz *et al*., 2023; Paladini *et al*., 2023; Stewart; Van Dyke; Poss, 2023) mulheres lésbicas (Rehman; Lopes; Jaspal, 2020), mulheres trans (Wang *et al*., 2021) e mulheres jovens (Lutz *et al*., 2023; Rehman; Lopes; Jaspal, 2020) apresentam maior probabilidade de se envolver em comportamentos de autolesões e suicídio, com taxas mais altas em relação a homens cisgênero e, no estudo de Wang *et al*. (2021), em relação a homens trans e *queer*. Essa tendência foi associada a níveis mais elevados de sofrimento psicológico, como depressão, ansiedade e sintomas depressivos (Lutz *et al*., 2023; Rehman; Lopes; Jaspal, 2020; Wang *et al*., 2021).

De acordo com Jadva *et al*. (2023), as mulheres (trans e cis) apresentam um aumento substancial no risco de comportamentos autodestrutivos em comparação com outros grupos, incluindo uma probabilidade 4 vezes maior de se envolverem em autolesões. Mesmo quando mulheres trans são retiradas da análise, o risco permanece significativo. Mulheres cis demonstram um aumento 4 vezes maior no risco de autolesões, 50% mais chances de ideação suicida e quase o dobro de probabilidade de tentativa de suicídio. Esse padrão pode estar relacionado à pressão social sobre as mulheres para que se enquadrem aos ideais de feminilidade, conforme destacado por Fjellda-Soelberg (2014), que especifica a influência das normas de gênero, a "síndrome da boa menina," descrita como um modelo de comportamento onde mulheres tendem a ser excessivamente complacentes na busca por agradar aos outros às custas de suas próprias necessidades e limites, e as autolesões como formas de enfrentar ou desafiar tais expectativas. Contudo, a pesquisa não aborda as nuances que distinguem a construção das cisidentidades e transidentidades em mulheres.

No estudo de Ahmad *et al*. (2023), mulheres demonstram maior suscetibilidade em todas as categorias de comportamentos associados às autolesões e ao suicídio. Elas reportam uma probabilidade 24 vezes maior de tentativas de autolesões e 18 vezes maior de ideação de autolesões em comparação com os homens. Outro estudo indica a maior prevalência de autolesões entre meninas diagnosticadas com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), em comparação com meninos diagnosticados, sugerindo uma vulnerabilidade particular nesse grupo demográfico (Balázs *et al*., 2018).

Ademais, verifica-se uma falta de concordância quanto às variações das autolesões entre os estudos. Ao analisar a associação entre masculinidades e autolesões, Green *et al*. (2018) destacam que não foram identificadas disparidades de gênero na ocorrência de autolesões crônicas na amostra estudada (majoritariamente composta por participantes brancos, heterossexuais e cis). A conformidade às normas de gênero masculino emergiu como um preditor relevante de autolesões, indicando a possível influência das masculinidades sobre os métodos específicos adotados por certos homens. Beckma *et al*. (2019) destacam que as autolesões afetam homens de maneira significativa em comparação com as mulheres, especialmente em questões como desemprego e situação familiar. Além disso, Ohlis *et al*. (2020) observam uma associação entre autolesões e suicídio em ambos, indicando que os homens enfrentam riscos semelhantes, apesar de procurarem menos serviços de saúde e apoio em comparação com as mulheres.

Contudo, é imprescindível considerar que os estudos que analisam as disparidades de autolesões e indicam sua prevalência em mulheres cisgêneras ou em homens cisgêneros, foram conduzidos considerando uma perspectiva estritamente binária de gênero, ignorando a experiência de pessoas trans e/ou não conformes de gênero, o que pode limitar os resultados das pesquisas. Ainda assim, é possível observar que a cisnormatividade e os estereótipos de gênero exercem influência significativa no envolvimento de pessoas com comportamentos de autolesões.

Considerando uma perspectiva não ciscentrada, os estudos de Berry *et al*., (2023), Jadva *et al*. (2023), Turner *et al*. (2022) e Veale *et al*. (2017), corroboram ao constatar que pessoas não binárias demonstram uma prevalência mais alta de autolesões em comparação com pessoas binárias, enquanto aquelas que se identificavam como transgênero, exibiam pontuações significativamente mais elevadas em medidas de depressão. Nesse contexto, é relevante observar que, mesmo as pesquisas analisadas que abordam mulheres e homens trans, não necessariamente contemplam a vivência de pessoas não binárias. O termo "trans" engloba uma ampla gama de identidades, tanto binárias quanto não binárias, e essa diversidade pode impactar distintas experiências e desafios relacionados à saúde mental e autolesões. Conforme indicado por Jadva *et al*. (2023), pessoas trans binárias como homens e mulheres trans, parecem enfrentar níveis de estresse comparativamente menores em relação aos não binárias.

Outros estudos corroboram ao destacar a prevalência de comportamentos suicidas e autolesões entre jovens diagnosticados com "disforia de gênero" (Apple *et al*., 2022; Hartig *et al*., 2022; Turner *et al*., 2022; Veale *et al*., 2017). Esses comportamentos são

particularmente evidentes entre pessoas que se identificam como meninos/homens trans, pessoas não binárias ou de gênero fluido (Turner *et al*., 2022). Além disso, crianças e adolescentes diagnosticadas com "disforia de gênero", sobretudo aquelas que atravessam a puberdade e foram designadas como "sexo feminino" ao nascer, enfrentam um considerável risco de desenvolver pensamentos e comportamentos suicidas, incluindo a prática de autolesões (Hartig *et al*., 2022; Stewart; Van Dyke; Poss, 2023).

É importante destacar que o termo "disforia de gênero" tem origem no século XX para descrever estados de ânimo e comportamentos em pacientes com epilepsia. Derivado do grego, a palavra "disforia" denota um "problema de carga" ou uma incapacidade de suportar um peso emocional. No contexto da psiquiatria, a disforia representa um transtorno de humor que torna a vida insuportável. Essa breve reflexão sobre a origem da palavra levanta questões mais amplas sobre o uso da linguagem para demarcar o que é considerado natural e intrínseco versus o que é percebido como estranho ou equivocado. Isso sugere que o termo "disforia de gênero", ao rotular experiências de não conformidade com as imposições de gênero como um transtorno, reflete uma forma de colonização do conhecimento e um controle normativo sobre identidades e formas de existir no mundo. A utilização desse termo perpetua estigmas e discriminações contra pessoas cujas identidades de gênero não se alinham com as expectativas sociais dominantes, reforçando a marginalização de pessoas trans e não conformes de gênero (Preciado, 2022). Nesse sentido, é crucial questionar e repensar a linguagem utilizada na área da saúde mental e em pesquisas sociais para garantir que as experiências das pessoas sejam respeitadas, não violentadas.

Comportamentos e riscos adicionais

Mais adiante, estudos demonstram que adolescentes que se envolvem em autolesões antes dos 18 anos (Ohlis *et al*., 2020) e antes dos 20 anos (Beckma *et al*., 2019) tendem a apresentar prognósticos desfavoráveis em diversos desfechos, incluindo maior propensão ao consumo de álcool e outras substâncias. Quanto ao uso de substâncias psicoativas, diversos estudos convergem ao indicar que adolescentes não cisheterossexuais enfrentam adversidades sociais mais acentuadas e exibem maior propensão ao uso de álcool e outras substâncias (Li *et al*., 2020; Ohlis *et al*., 2020; Quarshie; Waterman; House, 2020). Jovens trans e não conformes de gênero que relatam

envolvimento com autolesões apresentam uma série de adversidades, como complicações de saúde mental, depressão, fugas de casa e consumo excessivo de álcool ou *cannabis* (Taliaferro *et al*., 2018). O uso de *cannabis* também foi identificado como um fator de risco adicional (Turner *et al*., 2022). Além disso, evidências sugerem que o risco de *overdose* é mais elevado entre pessoas transgêneras em comparação com pessoas cisgêneras (White; Trinh; Reynolds, 2023).

Ademais, a análise dos estudos enfatiza a intersecção das disparidades de gênero com outros marcadores sociais, como orientação sexual e raça/etnia. Por exemplo, pessoas pretas LGBTQIAPN+ podem enfrentar uma multiplicidade de formas de discriminação e marginalização, aumentando ainda mais a vulnerabilidade às autolesões (Ross-Reed *et al*., 2019; Jadva *et al*., 2023). Essas disparidades ressaltam a importância de uma abordagem interseccional ao considerar os riscos associados às autolesões.

Por fim, Treharne *et al*. (2020) evidenciam que a ideação suicida recente está associada a menor apoio social entre participantes transgêneros e menor resiliência entre participantes cisgênero. Considerando a possibilidade de formas de apoio às pessoas trans, o suporte familiar demonstra uma associação com redução nas chances de violências sexuaos e autolesões, enquanto o suporte escolar mostra conexão com menores probabilidades de violências no namoro e autolesões (Ross-Reed *et al*., 2019). As conexões pró-sociais com pais e adultos não parentais, juntamente com a segurança escolar, atuam como fatores de proteção significativos (Taliaferro *et al*., 2019).

Os estudos analisados destacam a complexidade dos desafios enfrentados por pessoas transgêneras e não conformes com o gênero imposto socialmente, em relação à saúde mental e às autolesões. É evidente que essas pessoas enfrentam disparidades significativas em comparação com a população cisgênero, sendo afetades por diversos fatores que se interrelacionam. Além disso, a falta de reconhecimento e respeito de suas identidades contribui para o estigma que perpetua o sofrimento psicológico e o risco de autolesões.

Nesse sentido, é fundamental que uma abordagem crítica e inclusiva seja adotada ao abordar gênero em pesquisas, na prestação de serviços de saúde e no apoio social; isso envolve questionar e reformular conceitos e terminologias que perpetuam a marginalização de pessoas e reconhecer a diversidade de experiências em relação às identidades de gênero e da comunidade LGBTQIAPN+.

Embora parte dos estudos analisados esteja situada no campo da saúde e da psicologia, os achados desta revisão apresentam implicações diretas para o campo da

educação. Como afirma Zanello (2020), a escola constitui um dos principais espaços de socialização e produção de normas de gênero, operando como um dispositivo que pode tanto reproduzir quanto tensionar a cisheteronormatividade. Práticas escolares, currículos, políticas institucionais e relações pedagógicas atravessadas por normas de gênero podem contribuir para processos de exclusão, *bullying* e silenciamento de identidades dissidentes, configurando fatores de risco para o sofrimento psíquico e para comportamentos de autolesões.

Considerações Finais

A revisão integrativa alcançou seu objetivo ao identificar na literatura científica a relação entre identidades de gênero e a manifestação de comportamentos de autolesões, ressaltando a relevância de estudos que considerem marcadores de gênero nesse contexto, considerando que se trata de um tópico ainda subexplorado.

A análise desses estudos revela uma série de tendências e marcadores importantes. Há uma clara indicação de disparidades significativas de saúde mental entre pessoas transgênero em relação a pessoas cisgênero, e de mulheres cis em relação a homens cis. Essas disparidades incluem taxas mais altas de depressão, ideação suicida, tentativas de suicídio, autolesões repetidas e exposição a violências de gênero. Os estudos destacam a influência de fatores sociais e ambientais na manifestação das autolesões, como discriminação, *bullying* e a falta de apoio social, consistentemente associados a um maior risco de autolesões entre pessoas dissidentes de gênero e mulheres cis.

Considera-se uma limitação marcante da revisão a carência de pesquisas latinoamericanas, levando em conta que, dos 28 estudos analisados, apenas 1 teve como cenário essa área, o que torna desafiante a análise da relação entre identidades de gênero e fatores de risco subjacentes aos comportamentos de autolesões nesse contexto específico, restringindo a representatividade geográfica e cultural das pesquisas sobre saúde mental, identidades de gênero e autolesões. Soma-se a esse aspecto a adoção de uma estratégia de busca baseada em descritores amplos, o que pode ter limitado a identificação de estudos que utilizam terminologias específicas para os comportamentos de autolesões e para identidades de gênero diversas, configurando uma limitação metodológica adicional do estudo.

Observa-se, ainda, uma lacuna em relação aos estudos sobre autolesões que considerem por uma perspectiva crítica à normatividade de gênero como vetor de sofrimento psíquico. Enquanto muitas pesquisas se concentram exclusivamente nas experiências cisgêneras, outras tendem a agrupar pessoas trans em uma perspectiva estritamente binária, ignorando as experiências de pessoas trans não binárias; essa abordagem limitada compromete a compreensão dos distintos desafios e experiências enfrentados por pessoas com identidades de gênero diversas. Além disso, é importante ressaltar a escassez de abordagens interseccionais na maioria dos estudos, as quais são fundamentais para examinar como diferentes marcadores sociais, como etnia/raça, classe e sexualidade, se sobrepõem e interagem com os padrões de autolesões e comportamentos suicidas em pessoas trans, cis e não conformes com o gênero.

Diante dessas lacunas, torna-se fundamental ampliar o diálogo entre os campos da saúde e da educação, incorporando uma perspectiva crítica de gênero nos processos formativos de professoras(es), nas políticas educacionais e nas práticas escolares cotidianas. A escola constitui um espaço privilegiado de socialização e produção de normas de gênero, podendo operar tanto na reprodução quanto no tensionamento da cisheteronormatividade. Práticas educativas sensíveis às diversidades de gênero e comprometidas com a problematização das normas hegemônicas podem atuar como estratégias de prevenção das violências e dos comportamentos autolesivos, além de favorecer contextos mais acolhedores e socialmente protetivos.

Nesse contexto, a persistente ausência de comunicação e debates públicos sobre a relação entre identidades de gênero e autolesões evidencia processos de silenciamento das experiências de sujeitos que desafiam a cisheteronorma, contribuindo para a manutenção de desigualdades e para a reprodução de sofrimentos psíquicos evitáveis. Reforça-se, portanto, a necessidade de pesquisas futuras que subsidiem medidas de intervenção, estratégias de apoio e políticas públicas voltadas à saúde mental de pessoas não cis-heterossexuais, bem como à educação da comunidade, visando aumentar a conscientização, reduzir preconceitos e promover ambientes mais inclusivos. Para isso, recomenda-se a ampliação das estratégias de busca e a adoção de abordagens interseccionais e críticas à normatividade de gênero, aprofundando a compreensão das múltiplas dimensões envolvidas nos comportamentos de autolesões

Referências

AHMAD, Kabir et al. The impact of gender and age on bullying role, self-harm and suicide: evidence from a cohort study of Australian children. *PLoS One*, v. 18, n. 1, p. e0278446, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0278446. Acesso em: 3 fev. 2026.

APPLE, Danielle et al. Hospitalization for suicide attempt and self-harm among youth diagnosed with gender dysphoria. *Journal of Adolescent Health*, v. 70, n. 4, p. S26, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2022.01.161. Acesso em: 3 fev. 2026.

BAHIA, Camila Alves et al. Notificações e internações por lesão autoprovocada em adolescentes no Brasil, 2007–2016. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, n. 2, e2019070, 2020.

BALÁZS, Judit et al. Attention-deficit hyperactivity disorder and nonsuicidal self-injury in a clinical sample of adolescents: the role of comorbidities and gender. *BMC Psychiatry*, v. 18, n. 1, p. 1–10, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1186/s12888-018-1620-3. Acesso em: 3 fev. 2026.

BAERE, Felipe de; ZANELLO, Valeska. Suicidal behavior in women of diverse sexualities: silenced violence. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 335–353, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652020000200008&script=sci_abstract&tlng=en. Acesso em: 3 fev. 2026.

BATEJAN, Kristen Lee; JARVI, Stephanie Marie; SWENSON, Lance. Sexual orientation and non-suicidal self-injury: a meta-analytic review. *Archives of Suicide Research*, v. 19, n. 2, p. 131–150, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1080/13811118.2014.957450. Acesso em: 3 fev. 2026.

BECKMAN, Karin et al. Prognoses after self-harm in youth: exploring the gender factor. *Social psychiatry and psychiatric epidemiology*, v. 54, p. 437-444, 2019.

BERRY, Katie Ropes et al. Lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, intersex, asexual, and other minoritized gender and sexual identities–adapted telehealth intensive outpatient program for youth and young adults: Subgroup analysis of acuity and improvement following treatment. *JMIR formative research*, v. 7, n. 1, p. e45796, 2023.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CIDADE, Maria Luiza Rovaris. *Nomes (im)próprios: registro civil, norma cisgênera e racionalidades do sistema judiciário*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FJELLDAL-SOELBERG, Carina. An injured body's encounter with cultural discourses. *Journal of Comparative Social Work*, v. 1, p. 1-22, 2014.

GREEN, Jonathan et al. The association between masculinity and nonsuicidal self-

injury. *American Journal of Men's Health*, v. 12, n. 1, p. 30-40, 2018.

HARTIG, Amelie et al. Suicidal and nonsuicidal self-harming thoughts and behaviors in clinically referred children and adolescents with gender dysphoria. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, v. 27, n. 3, p. 716–729, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1177/13591045211073941. Acesso em: 3 fev. 2026.

JADVA, Vasanti et al. Predictors of self-harm and suicide in LGBT youth: the role of gender, socio-economic status, bullying and school experience. *Journal of Public Health*, v. 45, n. 1, p. 102–108, 2023.

KAPATAIS, Alexandros; WILLIAMS, Jess; TOWNSEND, Ellen. The mediating role of emotion regulation on self-harm among gender identity and sexual orientation minority (LGBTQ+) individuals. *Archives of Suicide Research*, v. 27, n. 2, p. 165–178, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1080/13811118.2022.2064254. Acesso em: 3 fev. 2026.

KUMAR, Kiran et al. A gender-specific analysis of suicide methods in deliberate self-harm. *Indian Journal of Social Psychiatry,* v. 33, n. 1, p. 7-21, 2017.

LI, Chen-Qing et al. Gender differences in self-harm and drinking behaviors among high school students in Beijing, China. *BMC Public Health*, v. 20, p. 1-11, 2020.

LIU, Richard et al. Prevalence and correlates of non-suicidal self-injury among lesbian, gay, bisexual, and transgender individuals: a systematic review and meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, v. 74, p. 101783, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.cpr.2019.101783. Acesso em: 3 fev. 2026.

LUTZ, Nina et al. Why is non-suicidal self-injury more common in women? Mediation and moderation analyses of psychological distress, emotion dysregulation, and impulsivity. *Archives of Suicide Research*, v. 27, n. 3, p. 905–921, 2023.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto – Enfermagem*, v. 17, n. 4, p. 758–764, 2008.

MORAES, Danielle Xavier et al. "Caneta é a lâmina, minha pele o papel": fatores de risco da automutilação em adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, 2020.

MOREIRA, Érika de Sene et al. Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 3945–3954, 2020.

RIBEIRO, Jessica et al. Self-injurious thoughts and behaviors as risk factors for future suicide ideation, attempts, and death: a meta-analysis of longitudinal studies. *Psychological Medicine*, v. 46, n. 2, p. 225–236, 2016.

OHLIS, Anna et al. Comparison of suicide risk and other outcomes among boys and girls who self-harm. *European Child & Adolescent Psychiatry*, v. 29, p. 1741–1746,

2020.

PRECIADO, Paul B. *Dysphoria mundi. Barcelona: Anagrama, 2022.*

PALADINI, Giovanni et al. Gender and age influence on emergency department visits for non-suicidal self-injuries in school-aged children in Italy: an 11 years retrospective cross-sectional study. *International Journal of Public Health*, v. 68, 2023.

QUARSHIE, Emmanuel Nii-Boye; WATERMAN, Mitch; HOUSE, Allan. Prevalence of self-harm among lesbian, gay, bisexual, and transgender adolescents: a comparison of personal and social adversity with a heterosexual sample in Ghana. *BMC Research Notes*, v. 13, n. 1, p. 1–6, 2020.

REHMAN Tariq et al. Ethnicity and self-harm in youth: a meta-analysis. *Journal of Affective Disorders*, v. 286, p. 306–312, 2021.

ROSS-REED, Danielle et al. Family, school, and peer support are associated with rates of violence victimization and self-harm among gender minority and cisgender youth. *Journal of Adolescent Health*, v. 65, n. 6, p. 776–783, 2019.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: O que é e como fazer. *Einstein*, v. 8, p. 102-106, 2010.

STEWART, Shannon; VAN DYKE, Jocelyn; POSS, Jeffrey. Examining the mental health presentations of treatment-seeking transgender and gender nonconforming (TGNC) youth. *Child Psychiatry & Human Development*, v. 54, n. 3, p. 826-836, 2023.

TALIAFERRO, Lindsay et al. Risk and protective factors for self-harm in a population-based sample of transgender youth. *Archives of Suicide Research*, v. 23, n. 2, p. 203–221, 2019.

TALIAFERRO, Lindsay; MCMORRIS, Barbara; EISENBERG, Marla. Connections that moderate risk of non-suicidal self-injury among transgender and gender non-conforming youth. *Psychiatry Research*, v. 268, p. 65-67, 2018.

TREHARNE, Gareth et al. Suicidality, self-harm, and their correlates among transgender and cisgender people living in Aotearoa/New Zealand or Australia. *International Journal of Transgender Health*, v. 21, n. 4, p. 440-454, 2020.

TURNER, Brianna et al. Prevalence and correlates of suicidal ideation and deliberate self-harm in Canadian adolescents during the coronavirus disease 2019 pandemic. *The Canadian Journal of Psychiatry*, v. 67, n. 5, p. 403-406, 2022.

VEALE, Jaimie et al. Mental health disparities among Canadian transgender youth. *Journal of Adolescent Health*, v. 60, n. 1, p. 44-49, 2017.

WANG, Yuanyuan et al. Psychopathological symptom network structure in transgender and gender queer youth reporting parental psychological abuse: a network analysis. *BMC Medicine*, v. 19, n. 1, p. 1–15, 2021.

WHITE, James; TRINH, Mai-Han; REYNOLDS, Colleen. Psychological distress, self-harm and suicide attempts in gender minority compared with cisgender adolescents in the UK. *BJPsych Open*, v. 9, n. 5, e138, 2023.

WILLIAMS, Jess et al. Understanding the processes underlying self-harm ideation and behaviors within LGBTQ+ young people: A qualitative study. *Archives of Suicide Research*, v. 27, n. 2, p. 380-396, 2023.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2020.

ZWICKL, Sav et al. Factors associated with suicide attempts among Australian transgender adults. *BMC Psychiatry*, v. 21, n. 1, p. 1–9, 2021.

Recebido em setembro de 2025.

Aprovado em fevereiro de 2026.

Revista Diversidade e Educação